

## MASCULINIDADES RENTÁVEIS NA FICÇÃO BRASILEIRA

*Eixo Temático 23* - Identidades e (Não)Representatividades de LGBTQIA+ na Literatura, no Cinema, na Música e na TV do Brasil

Dorinaldo dos Santos Nascimento <sup>1</sup>

### RESUMO

No âmbito da ficção brasileira de temática homoerótica, é possível encontrarmos personagens masculinos que alugam seus corpos (ou partes dele) adotando e/ou valendo-se, estrategicamente, de corporeidades prototípicas da masculinidade hegemônica. Desse modo, o nosso propósito neste trabalho é realizar uma leitura crítica do processo generificado no/do mercado do sexo por meio da monetização da masculinidade hegemônica de corpos-prostitutos representados em textos literários (prosa) de temática homoerótica na literatura brasileira. Para tanto, nosso aporte teórico-crítico buscará uma aproximação e interlocução entre estudos literários e pesquisas etnográficas acerca da prostituição masculina.

**Palavras-chave:** Masculinidades; Corpo-prostituto; Homoerotismo; Ficção brasileira.

### INTRODUÇÃO

Entre estudiosos da prostituição masculina (PERLONGHER, 1987; SOUZA NETO, 2009; SANTOS, 2012; BARRETO, 2017), oriundos das Ciências Sociais diversas, independente da modalidade de prostituição praticada e do recorte temporal, é consensual a centralidade da masculinidade enquanto objeto de prestígio e de capital erótico-sexual a ser vendido pelo corpo-prostituto<sup>2</sup>. Dessa forma, esse corpo-prostituto não vende apenas um corpo másculo (desejável, consumível e mercantilizável), pois

---

<sup>1</sup> Doutor em Letras/Estudos Literários pela Universidade Federal de Uberlândia - UFU, [dori.s.n@hotmail.com](mailto:dori.s.n@hotmail.com);

<sup>2</sup> O termo corpo-prostituto, proposto em estudos anteriores (NASCIMENTO, 2021) e aplicado neste trabalho, foi desenvolvido para funcionar como um conceito operacional em análises literárias que estabelecem diálogo com as Ciências Sociais interessadas em investigar o fenômeno da prostituição masculina. Esse conceito tem o objetivo de contemplar a multiplicidade de práticas e de sujeitos que monetizam corpos, de modo que o corpo-prostituto possa abarcar um espectro plural de indivíduos, tais como: bagaxa, garoto de programa, boy de programa, michê, prostituto, gigolô, acompanhante e *toy boy*, representados em textos ficcionais.

essencialmente comercializa, de modo simbólico, uma hipermasculinidade que coaduna com o modelo patriarcal representado pelo macho dominador, dotado de virilidade e de potência sexual, expressão maiúscula da “masculinidade hegemônica”, conforme pensado pela cientista social australiana Raewyn Connell (CONNELL, 1997; CONNELL, 2005; CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013).

Em *Fundamentos para pesquisas sobre masculinidades no Brasil* (2016), o estudioso Luiz Carlos Simon mirando contribuir para o estímulo de pesquisas que acolham a convergência entre masculinidades e estudos literários afirma que “Pesquisar as manifestações das masculinidades na literatura, no Brasil, pode soar como uma autêntica aventura” (SIMON, 2016, p. 8) sob o argumento de que há motivos variados para o estranhamento e surpresa, cuja principal razão é o fato de ser algo ainda pouco estudado na área de Letras. Além de disponibilizar um conjunto de referências bibliográficas, o estudioso propõe desdobramentos temáticos passíveis de combinações, aproximações e cruzamentos de temas.

Em conexão a isso, no âmbito da ficção brasileira de expressão homoerótica, é possível encontrarmos personagens masculinos que alugam seus corpos (ou partes dele) adotando, estrategicamente, discursividades (pela adoção de linguagem por meio de vocabulário e gírias), gestualidades (ações, gestos e posturas) e corporeidades (constituição corpórea jovem, até imberbe, hipermusculosa, racializados e com a genitália avantajada) prototípicas da masculinidade hegemônica. Neste trabalho, o foco de discussão está centrado no âmbito das corporeidades.

## **1 Masculinidades rentáveis na ficção brasileira**

No conto “Aprendizado” (1968), de Luiz Canabrava, publicado no livro *Histórias do amor maldito*, organizado por Gasparino Damata, a contingencialidade que marca o sexo pago envolve o imberbe Túlio: “bonito e forte, sem dúvida. Satisfeito com a própria imagem, tostada de sol e dividida pela marca branca de shorte” (CANABRAVA, 1968, p. 112) e um senhor, nomeado como “doutor”. Convém apontar que a presença de corporeidades adolescentes na condição de corpo-prostituto ocorre em outras narrativas brasileiras. No conto “Alguma coisa urgentemente” (2000), de João Gilberto Noll, publicado no livro *O cego e a dançarina* (1980), obra de estreia do escritor, tem-se um adolescente órfão, cuja presença intermitente do pai, em determinado momento, o deixa

em um apartamento. Sozinho na cidade grande, o garoto perambula pelas ruas do Rio de Janeiro em contato com parcerias e amizades (garotos de programa, malandros) ligadas a uma vida marginal, o que culmina em um episódio no qual o garoto, de forma não deliberada, acaba intercambiando seu corpo adolescente (“bom físico”) por dinheiro com um desconhecido.

Nesse contexto etário da prática da prostituição, é inescapável indicar o fato de que a juventude é um poderoso capital simbólico. Trata-se de uma moeda de troca, pois de modo recorrente, há o desejo de homens mais velhos, na direção de uma espécie de vampirização intergeracional, metaforicamente, “sugarem” por meio do sexo pago com sujeitos muito jovens, a juventude desses corpos. Estes, por assumirem a condição de corpo-mercadoria, logo, não se esquivam da lógica de consumo, resultando-lhes um inexorável prazo de validade referendado por uma juventude em estado de frescor, viço, de modo que geralmente ela assume a forma da corporeidade próxima ou imediatamente derivada da adolescência. Mas, não qualquer corpo efebo. Trata-se de uma corporeidade adolescente, evidentemente muito jovem, e, sobretudo, “forte” (Túlio) e/ou com “bom físico” (no conto de Noll).

Essas propriedades corporais masculinas dos personagens, marcadores da masculinidade hegemônica, ligadas à disposição muscular forte ou ao porte físico avolumado encontra ressonância e desdobramentos mais profundos em outros textos literários. No romance *As flores do jardim da nossa casa* (2007), por meio da corporeidade musculosa de Benício, o corpo é um princípio fundante para o personagem. Ao destacar as regiões anatômicas dele descritas por meio: das “profundidades do tórax”; dos “músculos inquietos dos bíceps”; “do corpo branco teso”; dos “músculos da bunda”; do “tórax torneado”; e dos “sólidos mamilos” (LACERDA, 2007, p. 20), o *voyeurismo* do olhar do narrador, ao reiterar os músculos, representa bem a constituição anatômica do corpo-sexual de Benício.

Devido a essa constituição corpórea, pode-se afirmar que o corpo do personagem, inscrito na “cultura do músculo” (COURTINE, 2013), adepto das formas de cuidados e técnicas de gestão do corpo de acordo o mercado do desenvolvimento muscular masculino. Nesse sentido, o corpo musculoso de Benício é resultado de formas de regulação dos corpos, bem como representa o simbólico corpo disciplinado, o “corpo-máquina”, segundo Michael Foucault (FOUCAULT, 1999, p. 179), produzido em academias de ginástica.

Há outros aspectos da corporeidade do corpo-prostituto na literatura brasileira. No conto “Módulo lunar pouco feliz”, a masculinidade rentável de Pernambuco, profissional do sexo que vive exclusivamente da prostituição, fixado na capital paulistana, é expressa, sobretudo, na corporeidade hiperviril possibilitada pelo avantajado e potente órgão genital aliado ao cheiro de macho e pelos braços fortes, pernas musculosas e largura torácica peluda. Pernambuco é descrito como sujeito masculino vocacionado “naturalmente” a exalar sua substância androgênica de virilidade (suor, cheiro de macho) para atrair e dominar as fêmeas, ou melhor, os afeminados, as bichas ávidas para serem subjugadas pela potência do seu órgão genital avantajado.

O garoto de programa Pernambuco, representado como “cabra macho”, homem rude e másculo produzido socialmente no bojo da masculinidade nordestina e fabricado na ideia de macho exacerbado (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2003), há uma convergência com o corpo-prostituto do norte brasileiro presente no conto “A carreira de um libertino paulistano ou a semana perfeita de um senhor homossexual, de boa colocação social”, do livro *A meta* (1976). Na história, um rico engenheiro, no espaço noturno da rua, interessa-se pelo corpo-prostituto másculo e robusto de um jovem empobrecido, descrito fisicamente como: “entroncado, forte, gênero nortista” (PENTEADO, 1976, p. 78). O personagem é caracterizado pela estereotípia toponímica vinculada ao norte do país, cujo imaginário associa-o ao sujeito rústico, viril e potente sexualmente.

O pênis maiúsculo de Pernambuco, denominado no conto como “material soberbo” e “mala” para codificar a importância, imponência do pênis grande, objeto de desejo valorizado e cobiçado também em relações homoeróticas plasmadas na literatura sem ligação com o contexto do sexo monetarizado, marca de modo preciso a “materialização na genitalidade”, segundo Rafael Ramirez (1995) como um dos elementos constituintes do falocentrismo. O pênis, junto com os testículos e o sêmen “ocupam posição de realce nos discursos da sexualidade e se constituem no centro do qual emana o poder” (RAMIREZ, 1995, p. 78).

De modo similar aos corpos-prostitutos com órgãos genitais grandes, no conto “Reginaldo”, de Penteado, os homossexuais pagantes pelo sexo, atraídos pela figura marginal do personagem Reginaldo, supervalorizam a “arma secreta” dele: seu objeto fálico por excelência, o pênis. É evidenciado que o tamanho avantajado do pênis do



## VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional  
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação  
em Sexualidade, Gênero,

personagem é um grande capital erótico-sexual responsável pelo sucesso dele ao se prostituir com homens que supervalorizam, pela via do fetiche e da objetificação, a dimensão maiúscula do órgão genital masculino. Assim diz o narrador: “[...] por um capricho da natureza, ou porque foi muito manuseado, o seu pênis é enorme! É um órgão de uma decisão, um tamanho e uma carnadura [...]”.

Junto às questões ligadas à acentuada genitalização dos corpos-prostitutos, também há o processo de “racialização do desejo” (SANTOS; PEREIRA, 2016, p. 133) presente na nossa ficção. Desse modo, o corpo-prostituto negro ao ser representado, via de regra, assume duplo simbolismo: como jovem empobrecido, mas também viril, lúbrico, potente, enquanto objeto de desejo e fetiche. Isso ocorre no conto “Nem mesmo um anjo é entrevistado no terror”, publicado no livro *Que os mortos enterrem seus mortos* (1981) de Samuel Rawet. Por meio de um narrador em terceira pessoa, há duas curtas imagens vinculadas ao universo do sexo pago. Na primeira, há uma típica cena de abordagem/transação, marcada por gestos e interesses, entre um cliente que se aproxima num carro e um corpo-prostituto (“negro magro e alheado”) que negocia o programa.

Isso se coaduna com outra rápida imagem em que aparece a figura do garoto de programa designado como “mulatinho”, mais um personagem marcado pela racialização: “Um rapazote vinha da rua do Passeio [...] O rapazote meio que para não para, olha de viés [...] A lâmpada acentua o volume nas virilhas” (RAWET, 2007, p. 149, grifos nossos). O volume nas virilhas remete à dimensão acentuada do órgão genital do personagem “mulatinho” disponível no mercado do sexo. Depreendemos, enfim, que os dois personagens prostitutos, de matriz étnica negra, simbolizam, pela fetichização erótica, a ideia de uma hipersexualidade e objetificação em sua sexualidade, ficando, de modo negativo, reduzidos e encerrados nessa objetificação muito frequente na prostituição.

No romance *Nossos ossos*, de Freire, o personagem “menino moreno”, expressão para referir-se a um rapaz que monetiza seu corpo sexualmente ao mesmo tempo que é objeto de desejo do protagonista Heleno (homem de meia idade), simultaneamente aponta para o contraste de idade entre eles (“menino” / “senhor”) e revela a atração do dramaturgo pelos sujeitos fenotipicamente definidos como “moreno”, considerando que Carlos (namorado de juventude) e Cícero (outro garoto de programa) também são descritos como morenos. O caráter de morenidade do corpo-prostituto, assim como de Cícero/Carlos, remete à ideia de valorização da categoria “moreno”, vista como

sinônimo de lubricidade e virilidade em uma perspectiva que não se esquivava do preconceito racial estrutural por ser colocada no lugar negativo da objetificação e animalização. O moreno e, sobretudo, o negro figuram no contexto geral do Brasil como hipersexualizados, às vezes, reduzidos a essa fetichização, por serem encaixados no estereótipo do sujeito viril, potente e com genitália avantajada.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, o corpo-prostituto representado no conjunto de narrativas analisadas, pela condição de pobreza e de marginalização socioeconômica, ao buscar ganhar dinheiro, bens materiais e simbólicos de várias ordens e/ou o prazer do sexo com outros homens (de forma escamoteada ou não), para entrar nos jogos de poder e das trocas que presidem o exercício do sexo rentável constituem-se nos domínios da masculinidade nos moldes hegemônicos. Esse é o denominador comum que abraça todos os corpos-prostitutos analisados. Além disso, no contexto da heteronormatividade, os personagens homossexuais pagantes pelo sexo, numa demonstração de fascínio e de reverência (culto da masculinidade hegemônica), têm interesse e buscam como fantasia sexual um corpo-prostituto jovem e modulado por uma masculinidade rude, “suja” e rústica indicativa de certa hipervirilidade característica de um presumível “homem de verdade”, uma espécie de macheza das classes baixas, dos extratos mais populares, oferecida, negociada e vendida no mercado do sexo.

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Nordestino – uma invenção do falo: uma história do gênero masculino** (Nordeste 1920-1940). Maceió: Catavento, 2003.
- BARRETO, Victor Hugo de Souza. **“Vamos fazer uma sacanagem gostosa”**: Uma etnografia da prostituição masculina carioca. Niterói-RJ: EDUFF, 2017.
- CANABRAVA, Luiz. Aprendizado. In: DAMATA, Gasparino (org.). **Histórias do amor maldito**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1968. p. 111-119.
- CONNELL, Robert William. Políticas da masculinidade. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, RS, v. 20, n. 2, p. 185-206, jul./dez 1995.
- \_\_\_\_\_. La organización social de la masculinidad. **Isis Internacional – Ediciones de las mujeres**, nº. 24, Santiago, Chile, p. 31-48, jun. 1997.
- \_\_\_\_\_; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o



## VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional  
Corpo, Gênero e Sexualidade  
IV Luso-Brasileiro Educação  
em Sexualidade, Gênero,

conceito. **Estudos feministas**, Florianópolis, SC, vol. 21, n. 1, p. 241-282, jan./abr. 2013.

COURTINE, Jean-Jacques. Robustez na cultura: mito viril e potência muscular. *In: \_\_\_\_\_*. (org.). **História da virilidade**. vol. 3: a virilidade em crise? Trad. Noéli C. de Melo e Thiago A. L. Florêncio. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 554-578.

DAMATA, Gasparino. Módulo lunar pouco feliz. *In: \_\_\_\_\_*. **Os solteirões**. Rio de Janeiro: Pallas, 1975. p. 15-27.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Trad. Raquel Ramalhet. 20. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

FREIRE, Marcelino. **Nossos ossos**. 1.ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

LACERDA, Marco. **As flores do jardim da nossa casa**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.

NASCIMENTO, Dorinaldo dos Santos. **Fazendo programa**: configurações do corpo-prostituto em Gasparino Damata, Marco Lacerda e Marcelino Freire. Uberlândia: O sexo da palavra, 2021.

NOLL, João Gilberto. Alguma coisa urgentemente. [1980]. *In: MORICONI, Ítalo* (org.). **Os cem melhores contos brasileiros do século**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 416-422.

PENTEADO, Darcy. A carreira de um libertino paulistano ou a semana perfeita de um senhor homossexual, de boa colocação social. *In: \_\_\_\_\_*. **A meta**. São Paulo: Símbolo, 1976. p. 65-88.

\_\_\_\_\_. Reginaldo. *In: \_\_\_\_\_*. **Crescilda e os espartanos**. São Paulo: Ed. Símbolo, 1977. p. 63-76.

PERLONGHER, Néstor Osvaldo. **O negócio do michê**: prostituição viril em São Paulo. 2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987a.

RAMIREZ, Rafael. Ideologias masculinas: sexualidade e poder. *In: NOLASCO, Sócrates* (org.). **A desconstrução do masculino**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995. p. 75-82.

RAWET, Samuel. O encontro. *In: \_\_\_\_\_*. **Os sete sonhos**. Rio de Janeiro: Orfeu, 1967. p. 22-26.

\_\_\_\_\_. Nem mesmo um anjo é entrevistado no terror. [1981]. *In: RUFFATO, Luiz*. (org.). **Entre nós**. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2007. p. 147-150.

SANTOS, Elcio Nogueira dos. **Amores, vapores e dinheiro**: masculinidades, homossexualidades nas saunas de michês em São Paulo. 2012. 238 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, 2012).

SANTOS; PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. Amores e vapores: sauna, raça e prostituição viril em São Paulo. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, SC, vol. 24, nº 1, p. 133-154, jan./abr. 2016.

SIMON, Luiz Carlos Santos. Fundamentos para pesquisas sobre masculinidades e literatura no Brasil, **Revista Estação Literária**, Londrina, PR, v. 16, p. 8-28, jun. 2016.



SOUZA NETO, Epitacio Nunes. **Entre boys e frangos**: análise das performances de gênero de homens que se prostituem em Recife. 2009. 142 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Recife, PE, UFPE, 2009.